

Olhinhos de gato, de Cecília Meireles: da revista Ocidente ao livro

Yara Máximo de Sena¹
Norma Sandra de Almeida Ferreira²

Introdução

CECÍLIA MEIRELES (1901-1964) FOI UMA MULHER MÚLTIPLA EM SEUS TALENTOS LITERÁRIOS E EM SEUS CAMPOS DE ATUAÇÃO. Foi poetisa, professora, jornalista, cronista, intelectual. Dedicou-se à poesia e também à prosa: escreveu crônicas, ensaios, teatro; realizou conferências nacionais e internacionais, além de ter deixado um amplo conjunto de correspondências e entrevistas. Segundo Damasceno, Cecília Meireles representou em sua obra a vida em plenitude através da expressão do mundo dos sentimentos, de aspectos ligados ao universo da criança e do indivíduo, bem como através da exploração de uma infinidade de outros temas que compreendem o que se deveria chamar de “inventário da vida”³.

Vários autores têm se dedicado a estudar Cecília Meireles e sua produção, destacando-se temáticas relacionadas aos campos da Literatura e da Teoria Literária, como Damasceno⁴, Azevedo Filho⁵, Secchin⁶, e aos da Educação e da Literatura Infantil, como Correa⁷, Sena⁸, Marchesini⁹, Camargo¹⁰. Além disso, tematizando seu engajamento político no meio educacional e cultural, como

¹ Doutoranda em Educação no Grupo ALLE/AULA (Alfabetização, Leitura e Escrita/ Trabalho docente na Formação Inicial) da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Contato: yarasena@hotmail.com

² Professora Livre Docente da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Contato: normasandra@yahoo.com.br

³ DAMASCENO, D. Apresentação. In. *Cecília Meireles*. Rio de Janeiro: Agir, 1996, p. 12.

⁴ Idem. Poesia do Sensível e do Imaginário. In. MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1987.

⁵ AZEVEDO FILHO, L. A. de. Apresentação. In. MEIRELES, Cecília. *Crônicas de Educação*, Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2001.

⁶ SECCHIN, A. C. Apresentação. In: MEIRELES, C. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 17-20.

⁷ CORRÊA, L. B. V. *Infância, escola e literatura infantil em Cecília Meireles*. 2001. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

⁸ SENA, Y. M. Entre as páginas de um livro didático: Cecília Meireles. In: FERREIRA, N. S. A. *Livros, catálogos, revistas e sites para o universo escolar*. Campinas, SP: Mercado de Letras; ALB; FAPESP, 2006.

⁹ MARCHESINI, M. *Os sentidos da leitura em Cecília Meireles: Ou isto ou aquilo*. 2001. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2001.

¹⁰ CAMARGO, L. H. *Poesia infantil e ilustração: estudo sobre Ou isto ou aquilo*. 1998. 203f. Dissertação (Mestrado em Letras), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1998.

Strang¹¹ e Lamego¹². Pimenta¹³ e Sena¹⁴, entre outros, várias figuras se voltaram para sua atuação profissional como professora, jornalista e pesquisadora.

No levantamento da bibliografia a respeito de Cecília Meireles e de sua obra *Olhinhos de gato*, encontramos o estudo de Oliveira¹⁵ (2014), que a tematiza através da Teoria da Autobiografia de Lejeune e as representações do feminino; a pesquisa de Gomes¹⁶, que tem como objetivo observar as figurações da infância e da solidão em *Olhinhos de gato* e *Giroflê, giroflá*; e o artigo de Neves¹⁷, que, em parte, aproxima-se do que pretendemos explorar em nosso texto. Essa última autora, apresentando aspectos das duas edições (1980, 1983) e da publicação de *Olhinhos de gato* na revista *Ocidente*, focaliza seu estudo na memória que “[...] é matéria de sua poesia”¹⁸, o que lhe permite identificar, nas “paisagens secretas” dos devaneios infantis, das inflexões poéticas, das facetas singulares da “arte da memória”¹⁹, um texto memorialístico que a própria Cecília Meireles fez de sua infância.

São poucos os trabalhos que, como o nosso, exploram *Olhinhos de gato* como objeto-fonte de investigação.²⁰ Assim, neste artigo, em um caminho diverso daquele escolhido pelos demais estudos, buscamos identificar como as versões de *Olhinhos de gato* publicadas na revista *Ocidente* (1938-1940) e na primeira edição em livro (1980) se inscrevem no conjunto da obra de Cecília Meireles. Que estratégias editoriais os agentes envolvidos no processo de composição das edições da revista e do livro utilizam? Que leitores e leituras são previstos nessas edições?

Apoiamo-nos nos estudos da História Cultural, especialmente em Chartier²¹, cujos trabalhos apontam:

¹¹ STRANG, B. L. S. *Sob o signo da reconstrução – os ideais da Escola Nova divulgados pelas Crônicas de Educação de Cecília Meireles*. 2003. 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

¹² LAMEGO, V. *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

¹³ PIMENTA, J. S. *Fora do outono certo nem as aspirações amadurecem: Cecília Meireles e a criação da Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco (1934-1937)*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

¹⁴ PIMENTA, J. S. *Uma leitura do relatório do inquérito “leituras infantis” de Cecília Meireles*. 2010. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

¹⁵ OLIVEIRA, G. P. de. *Cecília Meireles por ela mesma e sobre outras mulheres: sua autobiografia e a representação do feminino no Brasil do início do século XX. Letras de hoje*, Porto Alegre, vol. 49, Iss 4, pp 487-494, 2014.

¹⁶ GOMES, Jennifer Pereira. *Olhinhos de Nuvens: Infância e Solidão na prosa de Cecília Meireles*. 2014. 121f. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2014.

¹⁷ NEVES, M. S. Paisagens secretas: memórias da infância. In: NEVES, M. S., LOBO, Y. L., MIGNOT, A. C. V. *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: Loyola, 2001.

¹⁸ Ibidem, p 27.

¹⁹ Ibidem, p. 25.

²⁰ O artigo traz reflexões desenvolvidas na tese de doutorado, em andamento, de uma das autoras (SENA), que tem como fonte e objeto de estudos a obra *Olhinhos de gato*, em suas edições (1980, 1983, 2003 e 2015), além da publicação na revista *Ocidente* (1938-1940) e na Argentina (1981).

²¹ CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

Idem. *A ordem dos livros*. Brasília: Editora UNB, 1994.

Idem. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

[...] contra a representação [...] segundo a qual o texto existe em si mesmo, separado de qualquer materialidade, devemos lembrar que não existe texto fora do suporte que permite sua leitura (ou da escuta), fora da circunstância na qual é lido (ou ouvido). Os autores não escrevem livros: não, escrevem textos que se tornam objetos escritos – manuscritos, gravados, impressos, e, hoje, informatizados – manejados de diferentes formas por leitores de carne e osso cujas maneiras de ler variam de acordo com as épocas, os lugares e os ambientes.²²

Dessa forma, nossa intenção é percorrer as marcas ou as pistas deixadas pelos editores/ilustradores/impressores nos paratextos – nos sumários e no texto de Cecília Meireles publicado na revista *Ocidente* –, bem como na nota, capa e quarta capa da primeira edição em livro e no encarte que o acompanha, elementos responsáveis por orientar e delimitar a sua leitura e interpretação.

Olhinhos de gato na revista *Ocidente*

Olhinhos de gato foi inicialmente publicado na revista portuguesa *Ocidente*, em Lisboa, em treze capítulos construídos em prosa poética, durante os anos de 1938 e 1940. De acordo com Pereira²³, essa revista, com periodicidade mensal, embora irregular, manteve esse nome até 1995, tendo sido fundada em Lisboa, em maio de 1938, com direção de Manuel Múrias e, posteriormente, Álvaro Pinto, que foram também redatores-chefes, editores e proprietários. Foi uma das principais revistas culturais do Estado Novo, do qual refletiu as linhas ideológico-políticas.

Nessa época, Cecília Meireles já visitara Portugal (1934), proferindo palestras sobre educação e literatura, dando visibilidade a sua produção poética, alargando a rede de amizades e de sociabilidade, participando de co-edições brasileiras e portuguesas²⁴. Dessa forma, a publicação de *Olhinhos de gato*, no final dos anos 30 do século XX, acontece em um momento em que a autora já é conhecida pelos portugueses, sendo bem recepcionada tanto pelos escritores quanto pelo público leitor. Seu livro de poemas *Viagem*, premiado em 1938 pela Academia Brasileira de Letras, por exemplo, foi editado no ano seguinte em Lisboa, conferindo-lhe um lugar de prestígio na cultura portuguesa.

Parece que a publicação de *Olhinhos de gato* e de *Viagem*, em Portugal, fecha um ciclo de momentos bastante difíceis da vida da escritora: o suicídio do marido, o artista plástico português Correia Dias, em 1935, logo após retornarem da primeira viagem da poetisa a Portugal; as dificuldades financeiras; a mudança com as três filhas, ainda crianças, para um apartamento bem pequeno; além do temor de perder seu trabalho como professora na universidade. Cecília Meireles angustiava-se, ainda, com o fechamento do Centro de Cultura Infantil do Pavilhão Mourisco, criado e coordenado

²² CHARTIER, R.; CAVALLO, G. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998, p. 9.

²³ PEREIRA, M. M. C. *Ocidente – imagens e fronteiras da Europa e da Cultura Ocidental (1938-1948)*. Coimbra: Quarteto, 2004.

²⁴ PIMENTA, J. S. *As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles (1934)*. 2008. 347 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

por ela, que, em 1937, durante o governo de Getúlio Vargas, foi acusado de oferecer literatura comunista para a infância. Era uma escritora premiada, conhecida no campo da educação e da literatura, mas também uma mulher que poderia se aproximar da imagem construída pelo narrador lírico, em um de seus poemas:

Eu não tinha este rosto de hoje,
 assim calmo, assim triste, assim magro
 nem estes olhos tão vazios,
 nem o lábio amargo.
 Eu não tinha estas mãos sem força,
 tão paradas e frias e mortas;
 eu não tinha este coração
 que nem se mostra.
 Eu não dei por esta mudança,
 Tão simples, tão certa, tão fácil:
 – Em que espelho ficou perdida
 A minha face?²⁵

Talvez não seja coincidência que seu premiado livro *Viagem*, dedicado “aos amigos portugueses”, do qual retiramos o poema “Retrato”,²⁶ tenha sido publicado no mesmo ano que *Olhinhos de gato*, em 1939, em Portugal. Talvez esse seja um período de maturidade poética da autora, quando seu reconhecimento no meio literário impulsionou o desejo de Cecília Meireles de tornar pública uma narrativa biográfica, trazendo lembranças de sua infância, de pessoas importantes para ela, como “Boquinha de Doce”, sua avó materna, Jacinta; “Dentinho de Arroz”, sua ama, e a própria Cecília, que é “Olhinhos de Gato”, conforme lemos na nota de apresentação da primeira edição em livro.

Olhinhos de gato é uma obra ficcional em que a narradora traz o ponto de vista na 1ª ou na 3ª pessoa, tornando-se a espectadora de sua própria vida, especialmente de sua infância, misturando temporalidades: a escritora adulta que traz inscrita em seu presente a criança que havia sido um dia. Nas memórias, encontra-se o registro de alguns fatos, brincadeiras, medos e alegrias, canções e histórias que marcaram a autora e que, naquele momento, ela decidiu socializar com os leitores. Na escrita ficcional, ela constrói um tempo com carroceiros na rua; amas cuidando de crianças; casas com quintais e árvores frutíferas; jardins com vagalumes; bondes puxados por animais; realejos, quiosques, igrejas e leilões; superstições, credices e canções populares. Na tensão entre o real e o imaginário, constrói suas memórias de infância a partir de fragmentos ouvidos, sentidos, vistos, vivenciados, narrados sob sua própria perspectiva. Como afirma Neves:

²⁵ MEIRELES, C. Retrato In. *Cecília Meireles: poesia completa*. Vol. I, II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 232.

²⁶ Neste poema, a voz lírica sugere, nos adjetivos que acompanham a descrição física de partes do seu próprio corpo (principalmente do rosto), a imagem de uma pessoa vivida, sofrida, melancólica, nostálgica, que vê no retrato a constatação (só agora percebida) das mudanças que seu corpo carrega – uma descrição construída pela voz do eu lírico que, como sabemos, não pode ser confundida com a voz da autora e, tampouco, compreendida como mera reprodução de uma fase de sua própria vida. A citação do poema neste artigo tenciona aproximar um eu lírico que poeticamente filosofa sobre a transitoriedade da vida, de nossas vidas, incluindo, talvez, a da própria Cecília Meireles.

é talvez no território do sofrimento então vivido que Cecília pode ter encontrado força e audácia, se não para escrever, ao menos para tornar público o universo de sua infância dolorida, fazendo ecoar nesses retalhos de memória de tempos pretéritos o turbilhão do presente vivido. Porque, como nos ensina Paolo Rossi, desde Aristóteles sabemos que “a recordação implica um esforço deliberado da mente, é uma espécie de escavação ou busca voluntária por entre os conteúdos que guardamos na alma”.²⁷

Embora *Olhinhos de gato* seja considerado pelos críticos e pela própria autora como uma narrativa biográfica, o sumário da revista *Ocidente*, na primeira publicação do texto em forma de capítulos, ora o categoriza como romance, ora como novela, ou, ainda, sem “qualquer classificação”, como vemos registrado nos três últimos capítulos. Tal oscilação na “ordem dos livros”²⁸ parece sugerir a originalidade da narrativa, que esbarra no enquadramento da cultura literária em gêneros marcados pela Teoria e Crítica da Literatura.

De qualquer modo, *Olhinhos de gato*, apesar de ficção, assim como tantas outras obras de Cecília Meireles, também tematiza a tensão entre efemeridade, fugacidade e eternidade, de forma poética, delicada, sensível. Conforme a própria Cecília Meireles afirma:

Se há uma pessoa que possa, a qualquer momento, arrancar de sua infância uma recordação maravilhosa, essa pessoa sou eu. Já principiei a narrativa dessa infância num pequeno livro de memórias, aparecido numa revista portuguesa com o título *Olhinhos de Gato*.²⁹

O título sugere comparações, em sentido figurado. No diminutivo, o termo *olhinhos* remete a uma parte do corpo de um ser não adulto: uma metonímia. A expressão *de gato* nos traz características deste animal felino que tem olhos de coloração distinta da dos humanos, com variação no tamanho de sua pupila (ora dilatada, ora contraída), conforme a quantidade de luz do ambiente para captação das imagens e conforme seu estado de espírito: relaxado, animado, brincalhão, amedrontado ou agressivo. Uma metáfora: “olhinhos de gato” capazes, em condições mínimas de luz, de captar, muitas vezes melhor do que olhos humanos, imagens que lhes são preciosas, “presas” que podem ser atacadas. *Olhinhos de gato*, diferentemente dos famosos “olhos de ressaca” da personagem Capitu, em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, não arrastam e nem trazem o que está a sua volta. Ariscos, perspicazes e atentos, os olhos se estendem ao longe e na penumbra, em condições que normalmente seriam desfavoráveis aos homens. *Olhinhos de gato* de uma menina que enxerga, nas memórias, a “essência” de sua infância? *Olhinhos de gato* vistos hoje pela mulher adulta, escritora? Olhinhos “azuis-verdes-cinzentos”³⁰ de gato? A compreensão que buscamos para o título parece aproximar-se da intenção da autora, pela voz do narrador, do ponto de vista que pretende dar as suas memórias:

²⁷ NEVES, M. S. *op cit.*, p. 27.

²⁸ CHARTIER, R. *A ordem dos livros*. Brasília: Editora UNB, 1994.

²⁹ MENEZES, F. Silêncio e solidão – dois fatores positivos na vida da poetisa. *Revista Manchete*. Rio de Janeiro: 3 out. de 1953, s/p.

³⁰ MEIRELES, C. *Olhinhos de gato*. 1ª edição. SP: Moderna, 1980, p. 3.

OLHINHOS DE GATO prefere ficar vendo, apenas, todas aquelas sobras de pano, retorcidas, amassadas, de onde se exala um estranho cheiro, que não vem dos fios, que não vem das cores, nem dos desenhos, nem da gaveta. . . mas de muito antigamente, de um tempo desconhecido, onde havia outras casas, outras pessoas, outro viver, outras modas.³¹

Publicado na revista *Ocidente*, nos números 7, 8 (1938); 9, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 18, 19 e 20 (1939) e 23 (1940), medindo 18,5 cm x 25 cm, *Olhinhos de gato* pressupunha como público-alvo o leitor adulto, ligado à cultura letrada e artística, interessado na produção crítica e literária dos países lusófonos. Ao lado de Cecília Meireles, autores portugueses como Carlos Queiróz (1907-1949), João de Castro Osório (1899-1970), Armando Leça (1891-1977), Diogo de Macedo (1889-1959) e alguns brasileiros como Mário Quintana (1906 -1994) e Cassiano Ricardo (1894-1974) também podem ser rapidamente localizados nos sumários. Segundo Neves, os adultos, primeiro público, devem ter se surpreendido com *Olhinhos de gato*, publicado na primeira década de implementação do Estado Novo em Portugal,³² em meio ao tom ufanista empreendido aos textos dos autores portugueses dispostos a cantar as glórias de suas terras.

Para a autora, a publicação de *Olhinhos de gato* na revista *Ocidente*, as alusões aos fragmentos de memória dos tempos de menina e o modo intrincado do processo de rememoração – cheio de entrecruzamentos e sobreposição de temporalidades-espacos, de acontecimentos imaginários e realidade – são pistas que parecem indicar que a autora não pensou em destinar tal texto às crianças, “[...] uma vez que ‘escrever a infância’ é algo muito diferente de escrever para a infância”.³³

Na revista, *Olhinhos de gato* propõe uma prática de leitura que parece exigir uma certa fidelidade do leitor para avançar no “enredo”, distribuído pelos treze números, não consecutivos, durante um período de dezessete meses, entre novembro de 1938 e março de 1940. Marcada por pausas no tempo e na distribuição fragmentada do texto em capítulos, sem grande extensão de linhas escritas e de volume de páginas, a prática de leitura pode ser breve. A apresentação visual dos treze capítulos é marcada por poucos e distintos recursos tipográficos, acompanhando a estética da revista como um todo e indiciando um leitor familiarizado com textos escritos, com poucas ilustrações, que não têm relação com o assunto/tema tratado pela autora.

Não há uma numeração indicando a ordem dos capítulos, sendo todos anunciados apenas como *Olhinhos de gato* e finalizados com o nome da autora: Cecília Meireles. Mas, a partir do segundo capítulo, há a notação de “continuação” (nos números 8, 9, 10, 11,12) ou “continuação do n°[a revista]”, indicando a ideia de sequência e continuidade do texto; no penúltimo, inferimos a antecipação da finalização para o leitor, com a seguinte referência: “conclue no n.º 21”. No entanto, essa conclusão ocorre, na verdade, apenas no n.º 23, no qual observa-se a notação “conclusão” logo abaixo do título, sendo que o texto é finalizado apenas com a assinatura da autora.

Não sabemos se a proposta inicial seria dividir o texto em treze capítulos. Teria a autora, em algum momento, tido a preocupação com a quantidade total de capítulos, considerando-se a aceitação que seu texto teria junto ao público daquele periódico? Os capítulos foram sendo escritos

³¹ Ibidem, p. 3.

³² Estado Novo é identificado como o regime do qual o ditador Antonio Salazar foi fundador e líder e que vigorou em Portugal no período de 1933 a 1974.

³³ NEVES, M. S. *op cit.*, p. 29.

gradativamente, à medida em que eram publicados, ou Cecília Meireles já teria um projeto completo da “obra” com treze capítulos?

Seja qual for a resposta, cada capítulo seguiu a mesma sequência de sua publicação na revista, começando em novembro de 1938 e terminando em março 1940, com exceção dos meses de maio e junho de 1939 e janeiro e fevereiro de 1940. Em maio de 1939, no sumário da revista *Ocidente*, encontramos a presença de um poema de Cecília Meireles, “Canção de um naufrágio antigo”, que foi posteriormente publicado no livro *Vaga música* em 1942 com o título “Naufrágio antigo”, o que indica a presença constante de uma autora experiente na produção de textos curtos em prosa (e também em versos), para publicação em periódicos, uma proposta de encontro regular, persistente e breve com o leitor.

Outros recursos editoriais (além da numeração e indicação da sequência dos capítulos) apontam para o acabamento ou a separação da disposição do texto na página em branco. A presença dos três asteriscos, por exemplo, indica a separação do texto do capítulo 4 em três partes (Revista nº 10), enquanto as ilustrações de um ramo de folhas com pequenas sementes (nºs 7, 11 e 19), de uma mulher lendo (nº 10), de um casal (nº 18) ou de uma pequena estrela seguida de um poema de Guerra Junqueiro (nº 16) preenchem o vazio da página em branco, no final do texto. São clichês tipográficos, reproduções obtidas por placas metálicas com vistas à impressão de uma imagem (Faria; Pericão)³⁴, com a função de fechar uma lição/texto, separando diferentes autores e/ou gêneros, na mesma página ou em página diferente. Fragmenta-se, assim, a densidade visual marcada pela escrita verbal com uma imagem que pode ou não ter relação com o assunto tratado na lição, mas que também tem a função de ordenar os textos diferentes que compõem um mesmo número da revista, ou de preencher um espaço em branco na folha deixado por um texto de menor extensão.

A publicação da obra na revista *Ocidente*, no entanto, não foi suficiente para que a autora a editasse, no Brasil, em vida. Ela parece ter concentrado seus esforços na publicação de suas antologias poéticas destinadas ao público adulto, talvez à espera de um periódico que se interessasse em publicar *Olhinhos de gato* em nosso país, ou de uma editora disposta a transformar o texto em livro.

Distante dos leitores brasileiros, *Olhinhos de gato* só foi publicado em edição póstuma, que reuniu, em um só volume, todos os treze capítulos, conservando integralmente o texto impresso na revista *Ocidente*, conforme expõe o editor, em nota trazida na primeira publicação: “O texto desta primeira edição em livro foi cotejado com a publicação em capítulos, revistos pela autora [...]”³⁵.

A primeira edição de Olhinhos de gato no Brasil

Quarenta e dois anos após os leitores portugueses tomarem contato com o texto de Cecília Meireles, foi publicada no Brasil a primeira edição de *Olhinhos de gato* em formato de livro, pela Editora Moderna, com 135 páginas e as dimensões 14cm x 21cm e lombada de 0,8 cm, sendo apresentada na ficha catalográfica como “ficção brasileira” e “literatura infanto-juvenil”.

³⁴ FARIA, M. I.; PERICÃO, M. G. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: EdUsp, 2008.

³⁵ MEIRELES, C. *Olhinhos de gato*. 1ª edição. São Paulo: Moderna, 1980. Observa-se que na primeira edição as quatro primeiras páginas (folha de rosto e nota do editor) não são numeradas, a paginação inicia-se como página 1 apenas no primeiro capítulo do livro.

Trata-se, pelas dimensões e volume, de um livro fácil de carregar, que também sugere uma leitura rápida e leve para um leitor ainda jovem e que está se familiarizando com textos mais densos e complexos. O projeto editorial traz a nota do editor e um breve texto na quarta capa, estratégias editoriais com a intenção de aproximar a obra do leitor, situá-la no tempo, no panorama da literatura brasileira e na temática abordada pela escritora. O livro não traz ilustrações em seu interior, tampouco notas biográficas ou imagem da autora.

A primeira capa da edição do ano de 1980 é assinada por Maria Cristina Simi Carletti. Nela, vemos emoldurada uma menina que está em pé, de costas para o leitor e apoiada em uma janela. Com os pés provavelmente no interior de uma casa representada por uma parede recoberta com papel decorado (floral em tons de bege e marrom), ela observa por uma janela o mundo externo, em cores de tons pastel que lembram um arco-íris. Uma menina que vê o mundo (colorido) lá fora do seu próprio interior ou do interior de sua casa? Ela traja um vestido branco e meias pretas, estilo “marinheiro”, típico da primeira metade do século XX, enquanto seus longos cabelos louros, presos por uma fivela, caem por seus ombros. Uma menina que se veste de modo bem diferente daquele dos leitores previstos na década de 80, momento em que o livro é lançado pela primeira vez. A menina ilustrada convocaria a lembrança do tempo em que o texto foi escrito pela autora?

Ocupando um terço da capa, o título, em tom marrom, desenha com algumas letras minúsculas os movimentos de partes do corpo de um gato (a cauda?). O nome da autora, em destaque, com letras maiúsculas e em branco, ilumina a capa e se aproxima, na cor, do vestido da menina.

A sobriedade das cores e dos traços, o jogo das letras que brincam e as molduras que enquadram pontos de vista e de lugares talvez façam parte de uma proposta editorial para criar um efeito harmonioso de delicadeza e sensibilidade: um convite ao leitor para uma história de determinado tempo, escrita por uma menina que vê o mundo também de forma delicada e sensível.

A primeira edição (1980), que, como já mencionado, é da editora Moderna, traz uma “Nota do editor”, que, se dirigindo ao leitor, destaca:

NOTA

Publicado inicialmente em capítulos na revista *Ocidente*, de Lisboa, durante os anos de 1939 e 1940, *Olhinhos de Gato* constitui uma poética narrativa autobiográfica de Cecília Meireles.

As personagens principais, pessoas que conviveram com a menina Cecília, são carinhosamente evocadas por cognomes. Por exemplo, a avó Jacinta, com quem viveu depois da morte dos pais, é *Boquinha de Doce*, a ama é chamada de *Dentinho de Arroz*; *Olhinhos de Gato*, por sua vez, é a própria autora.

O texto dessa primeira edição em livro foi cotejado com a publicação em capítulos, revistos pela autora. Permitimo-nos atualizar apenas as convenções ortográficas.

O EDITOR.

Além dessas informações, que situam a obra no gênero narrativa autobiográfica da infância, a nota fala de sua gênese e dos apelidos das personagens – na tentativa de colaborar com os possíveis leitores na compreensão e no interesse pela leitura do livro. Além disso, a “Nota” ainda legitima as edições, afirmando que houve um trabalho dos editores de cotejar o texto da primeira edição com a

primeira publicação de *Olhinhos de gato* que havia sido revista pela própria autora: trata-se de uma explicação que busca valorizar o livro produzido pela editora, provavelmente direcionado ao leitor adulto, que tem o papel de mediador entre o leitor mais jovem e o livro.³⁶

Na contracapa da 1ª edição, por exemplo, o texto oferece uma descrição poética e imagética, apontando elementos do mundo “real” próprios da infância do narrador (córrego, cajueiro, baú); sentimentos ligados também a esse narrador (medo, alegria, dor); nomes dos personagens presentes nessas memórias que, a sua volta, cantam:

Um córrego esverdeado de musgo, o cajueiro do quintal, o baú proibido, as visitas, as canções de Dentinho de Arroz, o carinho de Boquinha Doce. Este é o mundo de Olhinhos de Gato. Um mundo de sonhos, medos, alegrias, dores e fantasias... A infância. Você voará com Olhinhos de Gato numa viagem de emoções sentidas no fundo do coração.

Há um mundo recriado pela “Olhinhos de gato”, mas que poderá ser conhecido, visto e vivenciado pela leitura da própria obra, entendida como uma “viagem de emoções” possível de ser realizada pelos leitores. Trata-se de uma concepção bastante comum nos discursos da mídia, do mercado editorial e até mesmo dos programas de políticas públicas voltadas para a formação do leitor: a leitura é uma viagem que, prazerosamente, permite ao leitor conhecer outros mundos, vivenciar emoções, identificar-se com o narrador ou o protagonista da história.

Um encarte de três páginas, intitulado como “Roteiro de leitura para o professor”, acompanha esta edição. Traz uma apresentação da narrativa e, em seguida, três pontos orientadores para os leitores: o primeiro destaca o caráter intimista da narrativa, em que a escritora adulta rememora fatos afetivamente significativos de sua infância; o segundo destaca que o livro apresenta a aprendizagem da vida e do mundo pela personagem; o terceiro indica que se deve notar o comportamento introvertido e fechado da personagem, mas que no entanto está sempre atenta ao mundo que a rodeia. E, a seguir, vem “Itens que podem ser explorados sob forma de questões ou debates”, além de uma sugestão final de atividade: a comparação da obra com poemas de Cecília Meireles, assim como um complemento de estudo sobre a avó desta, representada como “Boquinha de Doce”, através da leitura da elegia escrita pela autora quando sua avó faleceu.

O “Roteiro de leitura para o professor” informa, por exemplo, que o livro é uma “narrativa que, por seu enfoque lírico e subjetivo, não é elaborada em uma estrutura tradicional com começo, meio e fim claramente localizados” (p. 1), daí a importância da intervenção didática que pode ser feita por “algumas sugestões que possam ajudar o professor a orientar a leitura de seus alunos”. Há, ainda, um destaque para a importância dessa intervenção didática do professor para garantia da finalidade de uma leitura em que “o prazer e/ou aproveitamento [...] dos jovens advém, muito frequentemente, do conhecimento prévio das características básicas da obra em questão, para que não ocorram julgamentos equivocados ou interpretações precipitadas” (p. 1). Trata-se de uma estratégia editorial que, diferentemente da publicação na revista *Ocidente*, sugere uma orientação para a compreensão de

³⁶ Equivocadamente, na nota do editor (1980) há a informação de que o período de publicação de *Olhinhos de gato* na revista *Ocidente* é 1939-1940. Segundo pudemos consultar nos números dos exemplares, o período correto é: novembro/1938 – março/1940.

Olhinhos de gato por leitores menos “virtuosos”³⁷, que precisam ser guiados e dirigidos por não estarem familiarizados temporalmente com obra e autora, independentemente de serem alunos ou professores.

Conclusão

Da revista *Ocidente* à edição em livro, *Olhinhos de gato* ganhou diferentes formas editoriais produzidas pelas intervenções de editores, ilustradores e impressores, formas estas que podem não corresponder às intenções primeiras da escritora. Reatualizado, na forma de livro impresso, o projeto editorial que marca essa primeira edição (1980) mantém-se fiel ao texto da publicação em periódico. Composto por treze capítulos, numerados e sem subtítulos, cada um deles é marcado pela ausência de ilustrações e de notas explicativas acompanhando o enredo, talvez por exigência dos herdeiros dos direitos autorais.

Distanciando-se, porém, do formato de publicação da revista *Ocidente*, em que não se reconhece a acolhida ao leitor mais jovem, o projeto editorial em livro de *Olhinhos de gato* inclui paratextos (nota do editor, roteiro de leitura para o professor e texto na quarta capa). É criada uma nova e colorida capa, que, combinada com os dados da ficha catalográfica, faz com que os leitores possam reconhecê-la como pertencente ao gênero “literatura infantojuvenil”. Nessas estratégias editoriais, a obra é (re)construída e (re)inventada para atender às expectativas de um leitor já distante daquele anteriormente previsto no periódico especializado.

Divulgado em livro, *Olhinhos de gato* sugere uma aposta editorial na importância que a autora ganhou na história da Literatura Brasileira e no reconhecimento de que seus trabalhos qualificam o repertório de obras destinadas aos leitores em formação (cânone). Além disso, propõe também uma “viagem de emoções” ao mundo da infância através da protagonista, uma criança, trazendo aspectos que podem levar o jovem leitor a se identificar com ela, no relato de suas alegrias, medos e enfrentamentos: uma aposta editorial que implica também uma ampliação de público – jovem e escolar – e de sua permanência no tempo, nas mãos de novas gerações.

Desde a sua primeira publicação, há mais de oitenta anos, e em inúmeras edições e reimpressões a partir dos anos de 1980, *Olhinhos de gato*, de Cecília Meireles, vai se constituindo através de projetos editoriais que intencionam colocar em circulação uma obra considerada pela crítica literária como de qualidade, atualizando-a para que novos leitores possam consumi-la. Trata-se de iniciativas que buscam conformar obras e suas leituras, ainda que os leitores não acolham passivamente essas orientações, catalogações, indicações. No encontro sempre singular entre os leitores e os livros, na tensão operatória entre o controle da compreensão, a aceitação da obra e a liberdade indisciplinada dos leitores previstos e imaginados, é sempre possível produzir sentidos diversos e compartilhados culturalmente.

Por que oferecer aos leitores deste periódico os últimos parágrafos que fecham *Olhinhos de gato* e encerram este artigo? Por que oferecer o final do texto escrito pela autora, ao invés de provocar os leitores deste artigo para a leitura da poesia sensivelmente esparramada por todas as páginas de uma das edições em livro ou pelos capítulos da revista *Ocidente*? Talvez porque, no estudo empreendido por nós, a voz do narrador de *Olhinhos de gato* tenha ficado subordinada ao desafio de escrever uma

³⁷ CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

reflexão e descrição de aspectos que constituem essa obra. Talvez, porque o final inconcluso das memórias recriadas pela voz do narrador de *Olhinhos de gato* seja um desejo mais sensível por parte das autoras deste artigo de convocar os leitores para as incompletudes das leituras sempre possíveis para esta obra na contemporaneidade:

foi tudo e nada ao mesmo tempo, sem lado de cima, sem lado de baixo, entregue ao campo que há por detrás do mundo, e por onde se rola sem nome, sem figura e sem fim. Mas chamaram lá dentro: "OLHINHOS DE GATO!
E então lembrou-se que era a ela que chamavam assim." "[...].
— Parece mentira! Quem havia de dizer! Só ela escapou!
E todos os mortos estavam em redor olhando: de dentro dos espelhos, de dentro dos quadros, de dentro do álbum, ou puramente nos ares — todos juntos e cada um deles sozinho, sozinho... E ela via os mortos e os vivos. E os vivos não sabiam. Nem talvez os mortos, também."³⁸

Referências

- AZEVEDO FILHO, L. A. de. Apresentação. In. MEIRELES, Cecília. *Crônicas de Educação*, Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2001.
- AZEVEDO FILHO, L. A. de. *Poesia e estilo de Cecília Meireles*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
- CAMARGO, L. H. *Poesia infantil e ilustração: estudo sobre Ou isto ou aquilo*. 1998. 203f. Dissertação (Mestrado em Letras), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1998.
- CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, R. *A ordem dos livros*. Brasília: Editora UNB, 1994.
- CHARTIER, R. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- CORRÊA, L. B. V. *Infância, escola e literatura infantil em Cecília Meireles*. 2001. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- PIMENTA, J. S. Poesia do Sensível e do Imaginário. In. MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1987.
- PIMENTA, J. S. Apresentação. In. *Cecília Meireles*. Rio de Janeiro: Agir, 1996.
- FARIA, M. I.; PERICÃO, M. G. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: EdUsp, 2008.
- GOMES, Jennifer Pereira. *Olhinhos de Nuvens: Infância e Solidão na prosa de Cecília Meireles*. 2014. 121f. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2014.

³⁸ MEIRELES, C. *Olhinhos de gato*. 1ª edição. São Paulo: Moderna, 1980, p. 131

- GOUVÊA, L. V. B. *Cecília em Portugal*. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- LAMEGO, V. *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- MARCHESINI, M. *Os sentidos da leitura em Cecília Meireles: Ou isto ou aquilo*. 2001. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2001.
- MEIRELES, Cecília. *Cecília Meireles: poesia completa*. Vol. I, II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MEIRELES, Cecília. *Olhinhos de Gato*. 1ª edição. São Paulo: Moderna, 1980.
- MEIRELES, Cecília. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987.
- MEIRELES, Cecília. Olhinhos de Gato - Romance. In. *Revista Ocidente*, vol. III, n.º 7, novembro, 1938.
- MEIRELES, Cecília. Olhinhos de Gato – continuação – Romance. In. *Revista Ocidente*, vol. III, n.º 8, dezembro, 1938.
- MEIRELES, Cecília. Olhinhos de Gato – continuação – Romance. In. *Revista Ocidente*, vol. IV, n.º 9, janeiro, 1939.
- MEIRELES, Cecília. Olhinhos de Gato – continuação – Romance. In. *Revista Ocidente*, vol. IV, n.º 10, fevereiro, 1939.
- MEIRELES, Cecília. Olhinhos de Gato – continuação – Romance. In. *Revista Ocidente*, vol. IV, n.º 11, março, 1939.
- MEIRELES, Cecília. Olhinhos de Gato – continuação – Romance. In. *Revista Ocidente*, vol. V, n.º 12, abril, 1939.
- MEIRELES, Cecília. Olhinhos de Gato – continuação – Novela. In. *Revista Ocidente*, vol. VI, n.º 15, julho, 1939.
- MEIRELES, Cecília. Olhinhos de Gato – continuação – Novela. In. *Revista Ocidente*, vol. VI, n.º 16, agosto, 1939.
- MEIRELES, Cecília. Olhinhos de Gato – continuação – Novela. In. *Revista Ocidente*, vol. VII, n.º 17, setembro, 1939.
- MEIRELES, Cecília. Olhinhos de Gato – continuação – Novela. In. *Revista Ocidente*, vol. VII, n.º 18, outubro, 1939.
- MEIRELES, Cecília. Olhinhos de Gato – continuação. In. *Revista Ocidente*, vol. VII, n.º 19, novembro, 1939.
- MEIRELES, Cecília. Olhinhos de Gato – continuação. In. *Revista Ocidente*, vol. VIII, n.º 20, dezembro, 1939.
- MEIRELES, Cecília. Olhinhos de Gato – conclusão. In. *Revista Ocidente*, vol. VIII, n.º 23, março, 1940.
- MENEZES, F. Silêncio e solidão – dois fatores positivos na vida da poetisa. *Revista Manchete*. Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1953.

MIGNOT, A. C. V. Antes da despedida: editando um debate. In: NEVES, Margarida de Souza, LOBO, Y. L., MIGNOT, A. C. V. (orgs) *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: Loyola, 2001.

NEVES, M. S. Paisagens secretas: memórias da infância. In: NEVES, M. S., LOBO, Y. L., MIGNOT, A. C. V. (orgs.) *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: Loyola, 2001.

OLIVEIRA, G. P. de. Cecília Meireles por ela mesma e sobre outras mulheres: sua autobiografia e a representação do feminino no Brasil do início do século XX. *Letras de hoje*, Porto Alegre, vol. 49, Iss 4, pp 487-494, 2014.

PEREIRA, M. M. C. *Ocidente – imagens e fronteiras da Europa e da Cultura Ocidental (1938-1948)*. Coimbra: Quarteto, 2004.

PIMENTA, J. S. *Fora do outono certo nem as aspirações amadurecem: Cecília Meireles e a criação da Biblioteca Infantil do Pavilhão Mourisco (1934-1937)*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

PIMENTA, J. S. *As duas margens do Atlântico: um projeto de integração entre dois povos na viagem de Cecília Meireles (1934)*. 2008. 347 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SECCHIN, A. C. Apresentação. In: MEIRELES, C. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 17-20.

SENA, Y. M. Entre as páginas de um livro didático: Cecília Meireles. In: FERREIRA, N. S. A. *Livros, catálogos, revistas e sites para o universo escolar*. Campinas, SP: Mercado de Letras; ALB; FAPESP, 2006.

SENA, Y. M. *Uma leitura do relatório do inquérito “leituras infantis” de Cecília Meireles*. 2010. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

STRANG, B. L. S. *Sob o signo da reconstrução – os ideais da Escola Nova divulgados pelas Crônicas de Educação de Cecília Meireles*. 2003. 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

Recebido em: 24 de fevereiro de 2019

Aceito em: 07 de abril de 2019